

Carta às e aos participantes da Feira do Livro de Arroio Grande — RS

Jaguarão, 11 de outubro de 2025.

Caríssimas e caríssimos leitores, leitoras, professoras, professores, estudantes, feirantes, autoras e autores,

Escrevemos-lhes como quem rega uma horta coletiva: com paciência, cuidado e a convicção de que cada semente depositada poderá germinar em palavra, pensamento e ação. Esta carta é, também, um convite — a escrever, a reler, a responder — porque as cartas pedagógicas não moram apenas nas estantes acadêmicas; elas circulam no corpo da escola, no silêncio de uma biblioteca municipal, na conversa à beira do balcão da livraria, nas mãos de quem aprende com o mundo e o transforma.

Queremos, nesta página (ou nesta margem de papel público), definir, celebrar e cultivar o gesto de pesquisar a partir de cartas pedagógicas, destacando cinco grandes apontamentos desse gênero que lhes parece tão íntimo quanto revolucionário. Para iluminar o caminho, traçamos referências que dialogam entre si: o sentir e pensar freireano, as experiências de quem fez da carta um lugar de memória e resistência, e as análises que trouxeram a carta ao estatuto de método de investigação e sistematização de práticas educativas.

Para isso, tentaremos responder o que realmente é uma pesquisa com cartas pedagógicas? Pois então, cartas pedagógicas configuram-se como um gênero epistolar que articula intimidade e público: o sujeito escreve a si e aos outros, relata experiências, memórias, inquietações e saberes; assim, produz-se conhecimento que é ao mesmo tempo testemunho e análise. Em pesquisa, as cartas tornam-se instrumento metodológico para sistematizar experiências, tornar visíveis trajetórias, e produzir reflexividade coletiva — isto é, pesquisa que educa enquanto registra, e que registra enquanto educa através de um diálogo horizontal que revela amorosidade e aproxima o escritor do leitor.

Quanto aos apontamentos das cartas, gostaríamos de destacar que a carta pedagógica não é monólogo: ela convoca. Ao dirigir-se a um outro — indivíduo ou coletividade —, a carta cria cumplicidade, aproxima e pede resposta. Moacir Gadotti, ao comentar o uso freireano da carta, destaca esse efeito relacional: a carta convida à aproximação e ao diálogo, chama à resposta e à continuidade. Assim, escrever (e

pesquisar escrevendo) é tecer canais de interlocução entre saberes diversos. As cartas também se destacam, pois recolhem lembranças e feridas, narram percursos, guardam o mínimo que a memória não pode perder. Isabela Camini observa que “por serem cartas pedagógicas, guardam inspirações e conhecimento da realidade” — daí sua potência para preservar saberes populares, trajetórias docentes e vivências educativas que, de outro modo, poderiam diluir-se. Pesquisar com cartas é, portanto, praticar uma arqueologia viva da experiência.

Quando docentes, mediadores comunitários ou educadoras e educadores escrevem cartas sobre suas práticas, estão também produzindo dados, reflexões e categorias interpretativas. Autoras e autores que sistematizam essas cartas têm mostrado que elas funcionam como procedimento metodológico em pesquisas participativas: permitem acesso a sentidos locais, promovem diálogo que geram materiais para análise coletiva. Em suma: cartas são método e produto, são a potencialidade de um movimento dialético que aquilata fatores endógenos da sociedade e sistematiza as questões exógenas do grupo, promovendo um debate pedagógico, ou seja, a carta pedagógica não é neutra: tem ética e potência política. Ao narrar injustiças, pequenas resistências e desejos de mudança, as cartas enunciam uma pedagogia comprometida com transformação social. Essa forma missiva acolhe a voz dos que usualmente são silenciados e faz da escrita um gesto de insurgência poética. Freire e seus interlocutores já nos ensinaram que educar é, antes de tudo, um ato de amor e de coragem guardado em cada palavra dirigida ao outro. Cabe trazer à baila também, que as cartas pedagógicas são sementes de leitura. Ao incentivar a escrita reflexiva e o encontro com o texto próprio e alheio, elas contribuem para formar sujeitos leitores — não apenas consumidores de informação, mas produtores de sentido. Essa formação é o berço de futuros pesquisadores que partem da vida para construir saber científico comprometido com a justiça educativa.

E é nesse sentido que a feira do livro é cerne, praça e foro — um lugar onde leitores nascem por disponibilidade afetiva e social. Estudos e pesquisas brasileiras sobre hábitos de leitura apontam que eventos literários, feiras e bibliotecas escolares desempenham papel central no fomento do gosto pela leitura, nas vendas acessíveis e na construção de práticas leitoras coletivas. Portanto, a Feira do Livro de Arroio Grande não é apenas comércio de livros: é espaço de pedagogia pública, laboratório de encontros, ocupação

que torna a leitura contagiante e âmago para o fomento e popularização das cartas pedagógicas.

É nesse chão que as cartas pedagógicas encontram parceiros naturais. As mesas de debate, oficinas, clubes de leitura, sessões de autógrafos e rodas de conversa podem transformar testemunhos em pesquisas compartilhadas. Convidamos vocês a imaginar um estande onde professores escrevem cartas sobre uma aula transformadora; imaginar oficinas que sistematizam essas cartas em narrativas coletivas; imaginar jovens leitoras e leitores descobrindo, ali mesmo, que podem ser autoras e autores das suas próprias pesquisas. Esta é a mola propulsora que fortalece a educação popular: uma contextura de dialogacidade e produção de conhecimento que emancipa o cidadão.

Mas trabalhar com cartas em investigações acadêmicas é muito árduo. Pesquisar cartas pedagógicas exige método e coração. Exige disciplina analítica (categorizar, comparar, relacionar) e simultaneamente acuidade ética (respeitar vozes, manter confidências quando preciso, devolver o fruto da pesquisa à comunidade). As obras e coletâneas recentes demonstram que esse movimento entre pesquisa acadêmica e prática educativa é possível — e fecundo. Autoras como Isabela Camini apresentam cartas que são ao mesmo tempo testemunho íntimo e recurso de formação; coletâneas organizadas por Moraes e Paiva reúnem reflexões docentes que oferecem matriz para ações formativas. Estas produções mostram caminhos: a pesquisa com cartas é rigorosa sem cair em aridez; é sensível sem abdicar da análise.

Como estamos falando em produções que desenham caminhos, gostaríamos de trazer ao caro leitor dessa carta, a contribuição do grupo de pesquisa do qual fazemos parte, o GEPPAGE, no estudo das cartas pedagógicas e no exercício cotidiano que fazemos para semear a cultura leitora, não somente no âmbito acadêmicos, como em todos os espaços que discutem educação democrática.

Com amorosidade e rigor, o Grupo de Estudos e Pesquisas em Práticas Pedagógicas e Formação de Professores – GEPPAGE tem se afirmado como um espaço fecundo de produção epistemológica e humana, no qual a pesquisa com cartas pedagógicas encontrou terreno fértil para florescer. Sob o horizonte freireano, o grupo compreende a escrita como ato político e amoroso — um gesto que, ao narrar a experiência, a transforma em conhecimento compartilhado. No interior do GEPPAGE, a

carta pedagógica não é apenas metodologia: é uma forma de ser e estar no mundo, um modo de olhar o outro e a si mesmo em diálogo constante.

Inspirado em Paulo Freire, o grupo compreende que “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo”, e é nesse entrelaçar de vozes que as pesquisas do GEPPAGE se edificam, tecendo saberes com delicadeza, mas também com a força crítica de quem reconhece na educação a possibilidade do inédito-viável.

Ao longo de sua trajetória, o GEPPAGE tem consolidado uma expressiva produção acadêmica que atesta a potência das cartas pedagógicas como instrumento de investigação, formação e diálogo. Diversas dissertações de mestrado defendidas na Universidade Federal do Pampa (Unipampa) emergiram desse solo epistêmico, revelando experiências formativas que, ao serem narradas, ampliaram as fronteiras da pesquisa qualitativa e da educação dialógica. Essas cartas, transformadas em dissertações, artigos, capítulos de livros, revistas e anais de encontros científicos, são mais do que textos: são testemunhos de práticas emancipatórias, são fragmentos de um Brasil educativo que resiste e recria-se pela palavra. Como sementes lançadas em terreno fértil, tais produções reverberam para além do campo acadêmico, dialogando com escolas, comunidades e movimentos sociais que reconhecem na escrita epistolar uma via de humanização e reconstrução do sentido de educar.

Sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Ana Cristina da Silva Rodrigues e da Prof.^a Dr.^a Ana Lúcia Freitas, o grupo tem contribuído de maneira substancial para os debates contemporâneos sobre formação docente, práticas pedagógicas, educação popular e cultura leitora. A ação dessas pesquisadoras alicerçada na ética do cuidado e na estética do diálogo, tem feito do GEPPAGE um espaço em que o conhecimento se constrói de forma coletiva, crítica e amorosa. Cada carta escrita e estudada no grupo carrega o perfume freireano da esperança e da transformação, reafirmando que a pesquisa é também um ato de amor ao mundo e à palavra.

Ao conduzir esse tipo de pesquisa em contextos escolares e comunitários, aprendemos a valorizar modos diversos de conhecer: a escrita curta da carta, o relato oral transformado em texto, o diário de bordo do professor, a correspondência entre territórios.

Tudo isto compõe um arquivo vivo, capaz de subsidiar políticas, currículos e práticas pedagógicas que respondam às necessidades reais das pessoas.

Mas, como última reflexão (provocação), peço que nos permitam encerrar com uma imagem: pensem na carta pedagógica como um fruto que cai e germina. Quando uma carta é lida em praça pública — numa feira do livro, numa roda escolar, num sarau —, sua semente espalha-se. Do gesto de ler e responder nasce uma rede. Do diálogo nasce pesquisa. Da pesquisa nasce transformação social. E, claro, nascem leitores: sujeitos sensíveis ao mundo e dispostos a recolocar a educação a serviço da justiça.

Portanto, propomos que, durante a Feira do Livro de Arroio Grande, celebremos não apenas os livros mas também as cartas: que organizemos espaços de escrita epistolar, oficinas de sistematização de experiências, mesas que conectem pesquisadores e agentes educativos; que transformemos a feira num laboratório onde se pratica o diálogo de forma democrática e se escreve a esperança. A cultura leitora se alimenta dessas práticas: ler, comentar, responder, escrever — e dessa planta coletiva brotam futuros pesquisadores, alfabetizadores de afeto e cidadãs e cidadãos críticos.

Como dissemos ao longo dessas linhas (e reafirmamos com humildade) a ação de ensinar é um ato dialógico — e a carta pedagógica é um de seus modos mais puros. Que cada participante desta feira se permita escrever, responder e levar consigo uma semente de leitura para casa.

Com amorosidade, reverência ao ofício de ensinar e esperança na potência da escrita das cartas,

Nos despedimos com um cordial e fraterno abraço

Prof^a. Dr^a Ana Cristina da Silva Rodrigues

Porf. Ms. Tiago Ramires

Referências

- FREIRE, Paulo. *Cartas à Guiné-Bissau: registros de uma experiência em processo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- FREIRE, Paulo. *Professora, sim; tia, não*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- CAMINI, Isabela. *Cartas pedagógicas: testemunhos de uma vida*. Saluz, 2022.
- MORAES, Ana Cristina de; PAIVA, Darlan Lima. *Cartas Pedagógicas: reflexões de docentes da educação básica e superior*. Fortaleza: EdUECE, 2018.
- GADOTTI, Moacir. Diálogo e intimidade. In: FREIRE, Paulo. *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: Paz e Terra, 2000. p. 9-10
- PAULO, Fernanda dos Santos; DICKMANN, Ivo (org.). *Cartas pedagógicas: tópicos epistêmico-metodológicos na educação popular*. Chapecó: Livrologia, 2020.